

# Livro ou panfleto?

Regressara há poucos dias a Portugal da minha costumada ausência de Verão. Cedo me chegava uma infausta notícia: acabava de ser editada uma obra com o título: «Fátima Desmascarada». O autor, João Ilharco, era também o editor, e o livro fora composto e impresso na Tipografia Comercial, Rua Simões de Castro, 147, Coimbra, 26-6-1971.

Sem dúvida que nos chamara a atenção o título, com o seu tom de escandalosa propaganda; mas é sobretudo o subtítulo «A verdade histórica acerca de Fátima, documentada com provas», que nos leva dolosamente a adquirir a obra. Leva-nos a nós, que temos tudo, absolutamente tudo o que se escreveu, em qualquer língua, sobre crítica de Fátima; e isto fizemo-lo levados pela convicção de que um conhecimento exacto e exhaustivo dos aspectos críticos que Fátima certamente tem, é uma condição necessária para que os nossos futuros «Estudos e Textos críticos» sejam tão críticos quanto possível.

Terminada, porém, a leitura da obra, devemos confessar aos nossos leitores que a impressão recebida é desoladora... Não se trata de um livro de crítica construtiva, mas de uma obra demolidora, de pseudocrítica. Não se trata de «História» (essa nobre tarefa dos Portugueses!), mas de velhas e cansadas «historietas», há muito superadas pelo mais elementar senso comum histórico. Não se trata de «provas» bem jeiradas pela crítica histórica e literária, mas de preconceitos apriorísticos sobre os quais cavalga com as asas da sua fantasia. Não aduz nem sequer um dos documentos originais dos arquivos, que desconhece completamente, mas faz apenas um maneio grosseiro e descarado de uns quantos escritores de Fátima, que, aliás ainda perverte com interpretações arbitrarias. E tudo isto, sem qualquer base histórica, sem crítica literária, lhe serviu para urdir uma teia de aranha para apanhar incautos e lisonjear mal intencionados. O autor utiliza clamorosamente as armas fáceis do escândalo publicitário, meio certamente lucrativo, mas pouco honesto, e sempre suspeito, quando se pretende deveras realizar essa nobre tarefa que se chama «História».

Porém... não nos encontramos perante uma obra de história, mas perante um panfleto vulgar.

Porque, «Críticas a Fátima», sempre as houve. E Fátima nunca as temeu; sempre as superou. Cremos não faltar a uma justa honestidade crítica se dissermos que ninguém como nós pôs em realce os aspectos mais críticos dos acontecimentos de Fátima. Assim o fizemos recentemente na nossa última conferência (10 de Setembro de 1971) perante os mariólogos franceses, em Pontmain. Mas o autor deste panfleto não fez crítica. Uma curva de

180 graus, tão radical, para o panfletismo sectário de Trilho, de um José do Vale em «O Mundo», até aos destemperos arruaceiros de um Tomás da Fonseca... Uma curva assim, não a julgávamos possível neste ambiente português de cultura europeia superior. Se alguma coisa ofende esta obra infeliz, é, antes de mais, a própria cultura portuguesa, que parece voltar aos tempos do vandalismo literário irresponsável.

Com certeza que se podem pensar criticamente os acontecimentos de Fátima. E ninguém, nem o Magistério da Igreja, força seja quem for... Mas que um português aborde um dos temas mais importantes para a cultura lusitana contemporânea, com a irresponsabilidade com que o faz o autor deste panfleto, não merece senão repúdio e uma condenação geral.

Sim; o autor deste libelo podia ter feito «crítica de Fátima», como tantos outros. E ter-lhe-íamos agradecido, como fizemos já com o holandês P. Dhanis, com o ale-

(Continua na 2.ª página)

# LIVRO OU PANFLETO?

(Continuação da 1.ª pág.)

mão Otto Karrer, com o inglês Martindale... mas escrever sobre assunto tão sério uma obra disfarçada de crítica, e que, na realidade, é apenas um panfleto desconcertado e cansativo, a isso não tem direito o autor; sobretudo escrevendo em Portugal, e ainda mais em Coimbra, onde a ciência histórica alcançou um alto e digníssimo nível europeu.

Pessoalmente, não estávamos, de modo nenhum, dispostos a perder tempo escrevendo uma linha sequer para refutar esta obra. Não podíamos honrosamente conceder luta a um panfleto que desconhece os mais elementares documentos-fonte; que parte de princípios racionalistas em que

«a priori» se nega o sobrenatural; que comete inumeráveis erros cronológicos e históricos; que faz tantas interpretações abusivas dos mais palpáveis factos, que cai mesmo no ridículo de imaginar «composições teatrais» para explicar a suposta «invenção» dos factos; que, acima de tudo, e sem qualquer fundamento, mancha a memória honorabilíssima de Prelados insignes e santos, como o venerado D. José Alves Correia da Silva, de sacerdotes dignísimos e exemplares como o Dr. Formigão, o Prior de Fátima, e o santo P. Faustino; que se atreve, contra toda a verosimilhança histórica, a julgar perversamente a pessoa, ainda viva, que está no centro mesmo dos acontecimentos de Fátima.

Contou o autor as vezes que injuria essas veneradas personagens, chamando-lhes: «empresários do sobrenatural», «espertalhões», «oportunistas», «inteligentes e ousados», «promotores da aparição», atribuindo-lhes um «interesseiro sectarismo»...?

O autor, dá-se ao menos conta da inverosimilhança histórica que comete ao atribuir a D. José, ainda antes de ser nomeado bispo, «o plano de criar em Portugal uma segunda Lourdes»?

Mas, enfim, de um autor que vê em tudo manobras de «jesuitas», como nos velhos tempos anticlericais, mesmo em quem não é jesuíta, como o benemérito P. Jongen, morfortino, pode esperar-se essa mole de afirmações arbitrárias que quase sempre roçam pela calúnia mais ousada.

Só assim se explicam tantas falsas cronologias, tantas afirmações desencontradas e capciosas, tantas informações imprecisas e erróneas, tantas falsas ilações, tanta invenção fantástica. Que dizer, por exemplo, das suas «boutades» do pior gosto, como esta: «... pois Maria, mãe de Jesus, foi só uma, e não podia andar caprichosamente, de terra em terra, a mudar de nome. Consentir ou aprovar essa invenção de diversos nomes, à luz duma sã moral não passa dum sacrilégio».

Mas que dizer dos seus princípios teológicos que o levam a negar o sobrenatural, o milagre e toda a intervenção de Deus no mundo? E, porém, isto não o impede de converter-se no «monitor» inclemente da Igreja. Por exemplo: «Se a Igreja católica pretende ser o guia espiritual de centenas de milhões de indivíduos, tem de rever os seus processos de acção e pô-los de acordo com a

mentalidade do homem moderno. Ou terá de o fazer, animada do quele espirito de probidade mental e de liberalismo de opinião (!!!) de que o grande Papa João XXIII se mostrou partidário, ou dias difíceis a esperarão num futuro próximo».

O leitor perguntar-se-á se está a ler um livro de história, ou de doutrina. Mas a resposta dá-lha o próprio autor, que, ao catalogar as suas obras na segunda página do livro, colocou esta sobre Fátima, entre as obras de «DOCTRINA». Nisto damos-lhe toda a razão: o que escreveu, com tantos preceitos apriorísticos, mostra-nos, de facto, o que ele pensa; mas, de maneira nenhuma, o que foram os acontecimentos de Fátima.

Pessoalmente, repetimos, pensávamos que era perder o tempo, empregá-lo a refutar este libelo infeliz. Alguém, no entanto, me pediu que desse ao menos a minha opinião. Eis a única razão destas linhas: avisar os incautos e desprevenidos, pois não se trata de um livro de crítica séria e construtiva, mas de um panfleto de pseudocrítica sectária e deletéria. Negamo-nos absolutamente a estabelecer polémica com o autor enquanto nos não mostrar intenção de realizar crítica responsável. Não o podemos fazer até por motivos de honestidade científica e moral.

A partir do momento em que emprega pela primeira vez a expressão: «empresários do sobrenatural», para se referir às dignísimas pessoas a que acima aludimos, há que fechar o livro e atirá-lo ao lixo.

★

Senhor Ilharco: cremos que o senhor sabe de que parte, neste assunto, se encontra isso a que chama «interesseiro sectarismo». É a isto que chama «usar processos honestos»...? Se, no seu libelo, senhor Ilharco, faz um processo de intenções sem provas, atrevendo-se a injuriar as consciências de pessoas sem mancha, dignas do mais alto respeito, seria de estranhar que alguém (e desta vez com provas na mão), fizesse o processo às intenções do seu panfleto, atingindo mesmo a sua pessoa, como autor e editor?

PROF. JOAQUIM MARIA ALONSO

O «NOVIDADES» vende-se em Coimbra na Casa Afonso Pinto Ferreira, Ladeira da Santa Justa, 14.